

Imagens e frases de Flaubert no relato *Voyage enOrient*

Lúcia Amaral de Oliveira Ribeiro

Orientanda de doutorado da Profa. Dra. Verónica Galíndez-Jorge

Flaubert se insere em uma tradição de escritores que viajam, que tomam o navio. Em 1849, com 27 anos, parte para o Oriente com Maxime Du Camp. Suas anotações de viagem abrangem um imenso repertório, memória da experiência imagética e sensorial, impressões formuladas principalmente em primeira pessoa, eu ou nós. O que foi reunido e publicado postumamente como relatos da Viagem ao Oriente constitui um registro do que Flaubert observa, alternando visões panorâmicas, de valor topográfico, e descrições detalhadas de pessoas, quadros, roupas, objetos etc. As anotações se organizam em cenas de costumes, fragmentos de diário, imagens, descrições de sons, cores, cheiros, impressões as mais diversas. Especialmente no modo descritivo, as frases preservam um quadro, os detalhes contribuem para a força das imagens. De um modo geral, o viajante tem a impressão de produzir imagens, conforme se desloca no espaço. Ao caminhar, a paisagem muda, surgem situações novas. O viajante está em contato com uma perspectiva particular da relação tempo-espaço. No relato de viagem, o espaço cumpre a função que, muitas vezes, tem o tempo em outro tipo de narrativa. O deslocamento no espaço gera situações que são descritas ou narradas. Por outro lado, no ato de escrever, o tempo e o espaço da experiência se transformam em tempo e espaço do relato. O relato de viagem é exercício de escritura, texto e procedimento que engendra outros textos. Flaubert passa da descrição detalhada da paisagem para a vontade de saber, a curiosidade; da contemplação de um quadro à imaginação de como foi a vida da pessoa retratada. Chamo a atenção nos relatos de Flaubert não para as informações sobre sua viagem, mas para o que se estende para além de referenciais externos – processos da imaginação e procedimentos de escritura.

Flaubert parte para o Oriente quatro anos depois de ter escrito o primeiro romance com o título *A Educação sentimental*, publicado postumamente. Como Jules, personagem desse romance, ele leva para o Oriente a obra de Homero. Referindo-se a Jules, Claudine Gothot-Mersch escreve que, para o personagem, a documentação é suporte para a imaginação (o que também acontece com Flaubert).¹ Assim como

¹GOTHOT-MERSCH, 2006. Prefácio, p. 9. In: *Voyage en Orient*. Paris: Gallimard, 2006.

Chateaubriand e outros escritores que foram para o Oriente no século XIX, Flaubert se documenta, lê inúmeras obras sobre o Oriente antes de viajar. A literatura de viagem, da época, é marcada pela reflexão sobre as ruínas monumentais do passado e, ao mesmo tempo, a observação de tradições e costumes.

Chateaubriand afirma, em prefácio da primeira edição de seu livro, *Itinerário de Paris a Jerusalém*, que foi ao Oriente buscar imagens. Ao utilizar determinados procedimentos descritivos, o escritor se assemelha a um pintor de paisagens. No título de Lamartine, *Lembranças, impressões, pensamentos e paisagens durante viagem ao Oriente (1832-1833)*, percebe-se a proximidade de imagem para ler e ver. Destaco o aspecto subjetivo dessa literatura, a imagem diz respeito a um sujeito que pensa, se lembra, tem impressões. O termo impressão aparece nos discursos de viagem do romantismo, pressupõe a relação do que é observado com o sujeito que observa. Depois, é associado à mudança estética que acontece na pintura, o impressionismo.

Em carta de 13 de março de 1850, Flaubert escreve para Louis Bouilhet que ele e Du Camp, em viagem de barco pelo Nilo, vivem em um estado de preguiça, passam os dias deitados em divãs a olhar o que passa, “de camelos e tropas de bois a barcos que descem o rio em direção ao Cairo carregados de negros e dentes de elefantes”.² Em carta de 2 de junho, do mesmo ano, escreve para Louis Bouilhet: “Sentado na proa do barco, vendo a água correr, rumino minha vida passada com intensidades profundas”.³

A palavra ruminar aparece em cartas, relatos de viagem, rascunhos e livros. Ruminar faz parte do processo de escrever, e de modo particular, do processo de Flaubert, que passa muito tempo debruçado sobre seus manuscritos, escrevendo e reescrevendo, lentamente, e várias vezes, cada cena dos seus livros. Ele retoma temas e livros, ao longo dos anos; volta, continuamente, às suas anotações, planos e rascunhos de todos os tipos, leituras, lembranças, imagens e frases. Ao escrever, movimentava um imenso repertório de experiências, leituras e textos. Cartas, relatos de viagem e manuscritos constituem um universo de valor estético, com traços da ordem do poético. Em suas anotações, Flaubert fixa o que vê por meio de imagens. Planos e roteiros manuscritos mostram que muitas de suas ideias e cenas de seus romances

²FLAUBERT, G. *Correspondance*. Edição estabelecida por BRUNEAU, Jean. Paris: Gallimard, 1973, p. 602.

Traduzi a citação em referência e as demais citações deste artigo.

³FLAUBERT, G. *Correspondance*. Edição estabelecida por BRUNEAU, Jean. Paris: Gallimard, 1973, p. 627.

começam com uma imagem.⁴ Em sua correspondência, ele afirma que escritura e imagem decorrem uma da outra.

Debray-Genette chama de descrição focalizada o modo como Flaubert integra a descrição à narrativa, por meio da focalização. A palavra pictural quadro assume um sentido dramático, de narração.⁵ Na obra de Flaubert, se elaboram alguns dos procedimentos característicos da modernidade, e isso desde a narrativa da viagem de 1847 com Máxime Du Camp pela Normandia e Bretanha. O relato dessa viagem, escrito pelos dois amigos em capítulos alternados, recebeu o nome de Pelos Campos e pelas Praias (*Par les champs et par les grèves*).

O leitor observa na descrição de detalhes uma espécie de explosão de linguagem. Galíndez-Jorge se detém sobre uma imagem de Flaubert, que figura o efeito de explosão da linguagem: As mil peças de fogos de artifício.⁶ Associando produção de imagens e alucinação, ela chama a atenção para um dos procedimentos que caracterizam a escritura de Flaubert, a dilatação da cena, a partir de detalhes. Os elementos descritos ganham amplitude.⁷ Barthes explica que a descrição não contempla um trajeto de escolhas e alternativas com uma referência temporal. Sua estrutura é de acúmulo, e a referência é de ordem discursiva.⁸

Em cartas e anotações que constituem relatos da viagem, ao movimento do observador, que seleciona e enquadra situações com seu olhar e seus atos, se acrescenta o movimento de escrever, com novas escolhas e nova seleção. Flaubert exercita a função de narrador observador, ele confere a si mesmo o estatuto de narrador e protagonista ou personagem do relato. A descrição se dá a partir do seu olhar, uma descrição focalizada. Em romances, Flaubert retoma o modo de descrição narrativa de cartas e relatos de viagens, retoma imagens, que se misturam, mudam de contexto, se transformam.

⁴ Retomo ao longo deste artigo questões que integram minha pesquisa de mestrado.

RIBEIRO, L. A. O. Espaço e imaginação em *L'Éducation sentimentale*, de Flaubert. Dissertação de mestrado apresentada em 2010, FFLCH-USP, inédita, p. 75 a 77, 80, 81, 122, 123, 125 e 126.

⁵ DEBRAY-GENETTE, Raymonde. *Métamorphoses* durécit. Paris: Seuil, 1988, p. 12 e 13.

⁶ Transformada, a imagem entra no título da tese de doutorado de GALÍNDEZ-JORGE, Como as mil peças de um jogo de escritura nos manuscritos de Flaubert, tese defendida em 2003, na FFLCH-USP, publicada em 2010, pela Ateliê Editorial, com o título de Fogos de Artifício, Flaubert e a escritura.

⁷ GALÍNDEZ-JORGE, Verónica. Alucinação, memória e gozo místico. Dimensões dos manuscritos de "Un Cœur Simple" e "Hérodias" de Flaubert. Dissertação de mestrado apresentada em 2000, FFLCH-USP, inédita, p. 86, 87, 140 e 144.

⁸ BARTHES, Roland. *L'effet du réel*. [publicado originalmente em *Communications*, 11, 1968]. In: *Littérature et réalité*. Paris: Seuil, 1982, p. 83.

Bibliografia:

BARTHES, Roland. L'effet du réel.[publicado originalmente em Communications, 11, 1968]. In: Littératureetréalité. Paris: Seuil, 1982.

DEBRAY-GENETTE, Raymonde.Métamorphoses du récit. Paris: Seuil, 1988.

FLAUBERT, G. Correspondance. Edição estabelecida por BRUNEAU, Jean. Paris: Gallimard, 1973.

GALÍNDEZ-JORGE, Verónica:Como as mil peças de um jogo de escritura nos manuscritos de Flaubert. Tese de doutorado defendida em 2003, FFLCH-USP.

GALÍNDEZ-JORGE, Verónica:Fogos de Artifício, Flaubert e a escritura. São Paulo, Ateliê, 2010.

GALÍNDEZ-JORGE, Verónica. Alucinação, memória e gozo místico. Dimensões dos manuscritos de “UnCœurSimple” e “Hérodias” de Flaubert. Dissertação de mestrado apresentada em 2000, FFLCH-USP, inédita.

GOTHOT-MERSCH, 2006. Prefácio, p. 9. In: Voyage en Orient. Paris: Gallimard, 2006.

RIBEIRO, L. A. O. Espaço e imaginação emL'Éducation sentimentale, de Flaubert. Dissertação de mestrado apresentada em 2010, FFLCH-USP, inédita.